



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA UVA NO BRASIL: ARRANJOS, GOVERNANÇAS E TRANSAÇÕES

EDUARDO PROFETA PEREIRA; AUGUSTO HAUBER GAMEIRO;

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PIRASSUNUNGA - SP - BRASIL

eduardoppereira@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais

SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA UVA NO BRASIL: ARRANJOS, GOVERNANÇAS E TRANSAÇÕES

**Grupo de Pesquisa: 4 - Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas
Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais.**

Resumo

O presente estudo busca compreender e avaliar os arranjos organizacionais de produtores de uva no Brasil, com foco no arranjo determinante para cooperação dos envolvidos em cada segmento da cadeia. O estudo dá-se através de conceitos ligados a economia de custos de transação e análise do Sistema Agroindustrial (SAG), observando a integração da cadeia como o elemento fundamental para crescimento do setor. O desenvolvimento baseou-se nos dados estatísticos e informações, bem como o estudo da abordagem teórica através do conceito de *Commodity System Approach* (CSA), Sistemas Agroindustrial (SAG) e a Teoria de Custos de Transação.

Palavras-chave: Produção Uva, Sistema Agroindustrial, Custos de Transação.

Abstract

The following paper seeks to understand and evaluate the organizational arrangements of Brazilian Grapes farmers, focusing determinate the cooperation between all segments of the chains involved. This paper was made through concepts related to transaction costs economy and the Agro industrial Systems (SAG) observing the chain parts relationship as basis for the sector growth. The development was based on statistics and information data also concepts of Commodity System Approach (CSA), Agro industrial Systems (SAG) and Transaction Costs Theory.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Key Words: Grapes production, Agro industrial System, Transaction Costs.

1. INTRODUÇÃO

Existem poucos países no mundo com áreas disponíveis para a agricultura, dessas a América do Sul e a África despontam como as principais. Sob esse aspecto o Brasil surge como um dos principais países visto o potencial de crescimento, a área do território e a tradição de destaque na produção agrícola e agroindustrial. Segundo dados da Embrapa, o Brasil utiliza aproximadamente 67% (cerca de 568 milhões de hectares) para produção agrícola, apesar disso é responsável apenas por 4% do comércio mundial do agronegócio e tem capacidade de suprir uma parcela importante para um crescimento futuro da demanda.

Nesse aspecto observa-se a viticultura brasileira que tem apresentado um razoável crescimento na produção de uvas para consumo *in natura*. De acordo com dados do IBGE (2006), a produção de uvas no Brasil cresceu cerca de 9,5% nos últimos quatro anos, como principal produtora a região Sul, também destacando-se em crescimento a região Nordeste, que no mesmo período apresentou um crescimento produtivo de aproximadamente 48%, principalmente com participação dos Estados de Pernambuco e Bahia.

De acordo com dados da União Brasileira de Vitivinicultura (UVIBRA), a produção de uvas no Brasil possui três destinações diferentes: para o comércio *in natura*, a chamada uva de mesa; para a produção de sucos; e, para produção de vinhos. Apesar de não possuir um sistema de acompanhamento estatístico, a produção de vinhos e sucos nacional pode-se definir quase que totalmente através da análise da produção no Rio Grande do Sul, região esta responsável por cerca de 90% de toda produção brasileira. Ainda de acordo com a UVIBRA, a produção de sucos merece destaque, visto que apresentou um crescimento médio de 17,58%, apresentando apenas um pequeno decréscimo de 0,8% em 2003.

O presente estudo busca compreender e avaliar os arranjos organizacionais de produtores de uva no Brasil, com foco no arranjo determinante para cooperação dos envolvidos em cada segmento da cadeia.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada fundamentou-se nos princípios de *Commodity Sistem Approach* (CSA), desenvolvida por Davis & Goldberg (1957) em conjunto ao conceito de análise de *filieres*, ferramenta esta desenvolvida por economistas franceses, e sintetizada e sistematizada por Morvan (1988). Além destes conceitos, utilizou-se o sistema de análise de Custos de Transação de Cadeia, sugerido por Williamson (1994 e 1996).

2.1. Caracterização de Sistemas Agroindustriais (SAG)



A partir dos estudos realizados por Davis & Goldberg (1957) e Zylbersztajn (1995), estudos de coordenação de sistemas agroindustriais de produção passaram a ter um referencial para toda cadeia agrícola, os quais desenvolveram o conceito de agronegócio como sendo um somatório das operações de produção, distribuição, armazenamento, processamento de unidades agrícolas, bem como seus suprimentos e derivados. Também através da noção de *commodity system approach*, Golberg (1968), desenvolveu estudos de comportamento dos sistemas de produção da laranja, trigo e soja nos Estados Unidos, o que permitiu uma aplicação de sucesso, devido sua simplicidade e coerência teórica, além do sucesso apresentado nas previsões expostas.

Um SAG corresponde ao conjunto de atividades necessárias para se estruturar e produzir produtos agroindustriais. Todas essas atividades estão inter-relacionadas. Além disso, segundo Zylbersztajn (1995), as inter-relações entre as atividades do processo agroindustrial não pode ser entendida como um SAG de produção linear, apresentado por Galbraith (2001) e sim como uma rede, onde cada atividade possui contato direto com uma ou mais partes e, a partir do desenvolvimento e aperfeiçoamento de tais inter-relações, farão com que a estrutura do SAG tenha maior ou menor eficiência.

2.2. Caracterização da Análise de Filiéres

Através dos estudos de Morvan (1988), foram desenvolvidos três elementos de análise, que estariam ligados aos termos de cadeia de produção: primeiramente, considerou-se a cadeia de produção como uma sucessão de operações de transformação, que podem ser separadas e ligadas entre si; em segundo lugar, a cadeia também é um conjunto de relações comerciais e financeiras, onde há um fluxo de troca em cada parte das operações; e, por último lugar, a cadeia de produção também corresponde a um conjunto de ações econômicas que valoram os meios de produção.

2.3. Custos de Transação

A partir de trabalhos como de Coase (1937), analisou-se uma busca maior de eficiência produtiva pautada nos reflexos sobre os padrões de conduta dos agentes econômicos e na forma pela qual suas atividades são organizadas e gerenciadas. A teoria dos Custos de Transação é suportada por dois princípios básicos: o primeiro relativo a competência cognitiva dos agentes econômicos e o segundo no tocante às oportunidades apresentadas em cada ação dos agentes econômicos. Ainda sobre a perspectiva de competência e oportunismo, Williamson (1994) apresentou implicações relativas a essas perspectivas, são elas: i) contratos complexos são, necessariamente, incompletos; todo contrato implica riscos, ou seja, a confiança entre as partes não pode basear-se apenas nos contratos estabelecidos; e, ii) nem sempre as relações de mercado são adequadas para gestão das transações entre partes.

2.4. Obtenção de Dados e Informações



O procedimento empregado para obtenção dos dados e informações contidos nesta disse respeito ao levantamento de informações disponíveis em centros de pesquisas e entidades relacionadas ao setor vinícola e à cadeia agroindustrial da uva e vinho no Brasil.

Juntamente aos dados obtidos nos centros de pesquisa e entidades do setor, como a *Food and Agricultural Organization* (FAO), Instituto Brasileiro de Vinhos (IBRAVIN), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) buscaram-se dados por meio de contatos com agentes do setor, sejam eles públicos, privados, produtores industriais e da pesquisa do setor. Artigos e publicações em revistas técnicas e sites informativos também foram pesquisados.

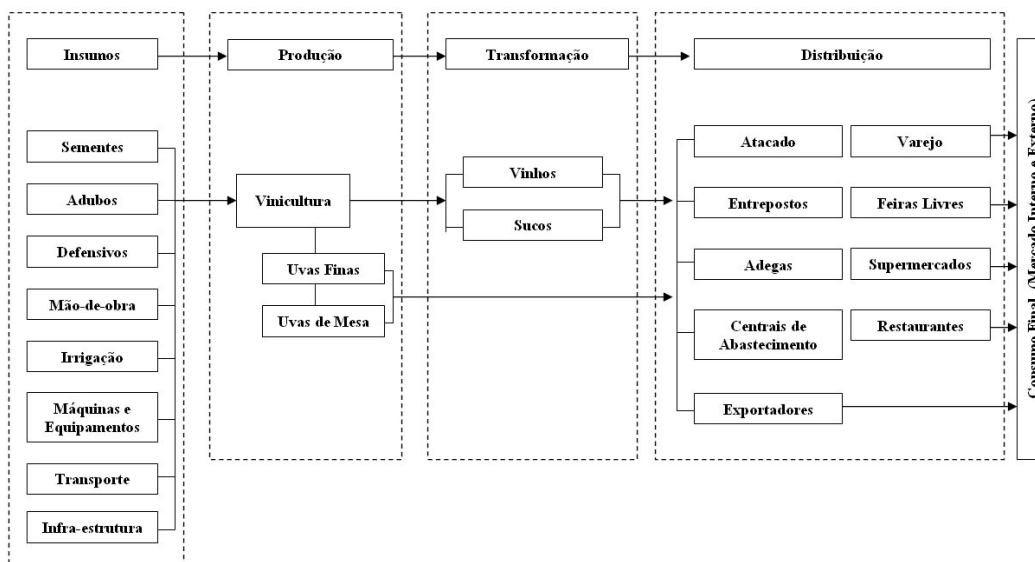
3. RESULTADOS: O Sistema Agroindustrial da Uva e seus arranjos organizacionais

Originária da Ásia, da árida região do Cáucaso, a uva é um dos alimentos mais antigos da humanidade, existindo 6.000 anos a.C. No Brasil o cultivo se origina a partir de 1535, com mudas trazida pelos portugueses, porém o desenvolvimento da viticultura comercial brasileira somente ocorreu após a chegada de imigrantes italianos e portugueses no século XIX.

Atualmente as regiões Sul e Nordeste, são as principais produtoras da fruta. A uva também é um dos produtos agrícolas mais exportados assim como um dos mais importados pelo nosso país, caracterizando a uva chilena, argentina e americana.

Segundo dados da Embrapa Uva e Vinho, o Estado do Rio Grande do Sul é o maior produtor brasileiro, sendo responsável por aproximadamente 90% da produção nacional, tendo como principal destino do cultivo a produção de vinhos e sucos. Por outro lado, o Estado de São Paulo é um dos maiores produtores da uva de mesa, participando com cerca de 20% na produção nacional, em 2002. Ainda de acordo com indicativos do IBGE (2007), em 2006 a produção brasileira de uvas alcançava o patamar de aproximadamente 1,26 milhões de toneladas.

De acordo com a análise do sistema produtivo e dos estudos de cadeias agroindustriais, o SAG da uva pode ser dividido nos seguintes elos de produção: insumos, produção, indústria de transformação, distribuição e consumo, conforme esboço do Sistema Agroindustrial da Uva, apresentado abaixo na Figura 1.



Fonte: Embrapa Uva e Vinho (2007)

Sob os aspectos da escola francesa, já mencionada, pode-se observar os três elementos desenvolvidos: primeiramente quanto a sucessão e operações na cadeia, onde a produção está relacionada diretamente aos insumos, a transformação, dependente da produção e a distribuição e consumo ligadas tanto a transformação quanto a produção; em segundo lugar, a relação da cadeia envolve trocas financeiras e econômicas, no caso há a compra dos insumos para a produção, a venda das uvas produzidas para indústria de transformação e a venda do produto industrializado ou *in natura* para os distribuidores e, posteriormente, para o consumidor final; por último, ocorre a valoração das etapas em cada transação na cadeia, ou seja, a variação dos preços e custos em cada etapa, afetam diretamente ou indiretamente a seguinte parte na cadeia, que passa a absorver este custo ou repassá-lo ao próximo elo.

3.1. Insumo

São produtos e recursos necessários para que seja desenvolvida a atividade produtiva. Dentre eles encontra-se sementes, adubos, defensivos, mão-de-obra, irrigação, infra-estrutura, entre outros.

Diante da necessidade em aumento de produtividade e redução no preço final, conforme tendência mundial (HARKER, 2003), observam-se possíveis problemas fitossanitários que ocorrem em virtude das condições climáticas no período do plantio, o que motiva uma maior utilização de fungicidas, devido sucessivas safras apresentarem fungos e outros problemas fitossanitários (ROMBALDI et al, 2004; GRIGOLETTI & SÔNEGO, 1993).

3.2. Produção



Representado pela prática do cultivo da uva, correspondendo a etapa de plantio, tratamento e colheita. Segundo dados do IBGE (2006), a área plantada era de 75.385 hectares, sendo aproximadamente 72% dessa área na Região Sul e, nessa região, 82% do plantio realizado pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Embora esta representatividade da Região Sul no plantio de uva seja tão expressiva, o cultivo é praticamente todo destinado a produção de vinhos (MOREIRA et al, 2004), enquanto as demais regiões, como os Estados de São Paulo, Bahia e Pernambuco, destinam seus plantios quase que exclusivamente produção de uvas de mesa ou para consumo *in natura*. Ainda segundo Moreira et al. (2004), a viticultura na região semi-árida, em especial o submédio São Francisco, destaca-se pelo constante incremento no volume de produção, bem como os altos rendimentos alcançados e na qualidade da uva produzida.

De acordo com Sato (2005), o plantio da uva está diretamente relacionado às condições de solo apropriadas e depende das condições climáticas da região de plantio, ocorrendo um distanciamento da produção dos centros consumidores.

De acordo com últimos dados da FAO (2007), a produção brasileira de uva estava em torno de 31.763 toneladas em 2004, apresentando um decréscimo de 23,4% comparado com a produção de 41.448, em 2003. O valor acumulado, nos últimos 05 anos (de 1999 a 2004), atinge um crescimento de 168,4% (Tabela 1). Sendo o ano de 2003 o mais expressivo, com a ressalva da queda apresentada em 2004 (redução em 23,37% na produção), que foi reflexo da crise da agricultura, iniciada na segunda quinzena do ano. Tal fato mostra o potencial de crescimento que o Brasil apresenta, apesar das dificuldades políticas internas, como a falta de apoio governamental; e comerciais como barreiras técnicas e dificuldades na redução dos custos de produção.

Tabela 1. Evolução da produção brasileira de uvas

Ano	Quantidade (em t)	Valor (em US\$ 1.000)	Crescimento
1999	8.910	8.614	-
2000	15.832	14.618	77,69%
2001	22.773	21.563	43,84%
2002	29.053	33.789	27,58%
2003	41.448	59.939	42,66%
2004	31.763	52.755	-23,37%

Fonte: Food and Agricultural Organization, FAO (2008).

3.3. Indústria de transformação



A industrialização das uvas pode ser dada em duas vertentes: a primeira para produção de vinhos e a segunda para a produção de sucos naturais. Existe também o destino de uvas para fabricação de geléias, porém os valores são irrisórios em comparação aos demais aspectos produtivos.

A produção no Brasil de vinhos dá-se desde o século 19, quando imigrantes italianos e portugueses trouxeram técnicas de cultivo visando exclusivamente a fabricação de vinhos. Porém, apesar da tradição, o consumo do vinho no Brasil ainda não é muito expressivo, atualmente em aproximados 1,8 litros per capita ao ano, no entanto a projeção do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN) é de que esse consumo alcance aproximados 9 litros per capita ao ano até 2022.

Quanto ao suco de uva, a demanda crescente por produtos naturais e saudáveis, fomenta o investimento nesta produção, esta produção, ainda segundo o IBRAVIN, apresentou um crescimento de 22% nos últimos anos, com forte expressividade para a relação 2003-2004, onde este crescimento alcançou 58%.

3.4. Distribuição

De acordo com estudos de Sato (2005), grande parte da uva é comercializada através de intermediários atacadistas, com apenas uma pequena parcela sendo encaminhada à exportação, a qual é geralmente feita diretamente pelo produtor. Há também a figura dos supermercados que exercem uma função importante na distribuição, realizando muitas vezes transações de compra direta com o produtor agrícola.

Os canais de distribuição de vinhos em geral se dão através de grandes distribuidores como adegas e empresas de distribuição de bebidas, bem como a venda direta para o consumidor em supermercados.

3.5. Consumo

O consumo corresponde ao encerramento da cadeia, onde a absorção do produto pelo consumidor irá refletir em todo volume e preços praticados ao longo da mesma.

Atualmente o Brasil não apresenta um consumo expressivo de uva e seus derivados, como o vinho e o suco, como se pode observar na Tabela 2. abaixo:

Tabela 2. Consumo de uvas e derivados no Brasil

Produtos/ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Vinhos (em litros)	1,80	1,89	1,81	1,71	1,68	1,76
Suco de Uva (em litros)	0,38	0,33	0,35	0,34	0,39	0,37
Uvas de Mesa (em Kg)	2,35	2,32	3,42	3,42	3,39	3,52

Fonte: EMBRAPA (2007).

4. Análise dos custos de transação

Observados os diferentes aspectos nas transações correntes em cadeias produtivas, Williamson (1994) desenvolveu o estudo da Teoria dos Custos de



Transação, baseado nas pesquisas de Coase (1937) sobre eficiência produtiva baseada nos efeitos sobre a organização e o gerenciamento das atividades econômicas exercidas por agentes. Williamson (1985) também comenta que por trás de cada transação existe um custo, o qual depende de fatores de frequência, incertezas e especificidade do ativo transacionado.

Para análise da frequência observam-se os volumes de trocas entre os produtores das uvas e os agentes industrializadores e distribuidores. A periodicidade da colheita da uva no Brasil está muito diversificada devido a espécies híbridas desenvolvidas, o que permite colheitas entre os meses de janeiro e abril no Estado de São Paulo e entre os meses de maio e julho na região Sul e em qualquer época do ano no Nordeste do Brasil (SATO, 2005; BARROS & BOTEON, 2002).

A incerteza é um atributo que influencia sobre as características dos agentes econômicos dependendo da sua capacidade de análise e compreensão das adversidades futuras, estimulando, assim, o desenvolvimento de contratos mais flexíveis e reguladores das relações entre as partes. Tal flexibilidade contratual permite a adaptação as constantes mudanças e surgimento de implicações que exigem uma ação do agente econômico. A maioria produtora, em São Paulo, é de pequenos produtores que vêm atuando ainda de maneira artesanal, são muitas vezes desfavorecidos das condições climáticas e acabam tendo seus custos mais elevados e devendo assumir maiores riscos, como as vendas em consignação o que pode gerar prejuízos consideráveis ao produtor.

Finalmente, pelo ponto de vista da especificidade, Williamson (1985) determinou quatro fatores determinantes das características específicas do negócio, são elas: i) especificidade de natureza espacial, relacionada às distâncias entre as partes (compradores e fornecedores), combinadas aos custos de transferência das unidades produtivas; ii) especificidade relativa à exclusividade de transferência dos produtos entre as partes, o que pode implicar em ociosidade produtiva no caso de rompimento das relações entre os agentes econômicos; iii) especificidade de capital humano, relacionado às qualificações e eficiência derivadas de diferentes formas de aprendizado dos agentes econômicos; e, iv) especificidade física, que está relacionada diretamente a infra-estrutura dos agentes, especializada e capacitada para atendimento às exigências e necessidades da outra parte.

Observados os fatores determinantes das características do negócio abordadas por Williamson (1985), notam-se as seguintes características do SAG da Uva:

i) quanto à natureza espacial - em virtude da necessidade de solos e condições climáticas mais favoráveis, os produtores acabam por distanciarem-se dos principais centros consumidores, até mesmo pela utilização mais próxima destas terras para culturas mais tradicionais e com maiores projeções no mercado, como soja, cítricos, entre outros.

ii) quanto à exclusividade - neste caso o fator tempo é crucial, pois o produto possui uma perecibilidade alta, desta forma os produtores necessitam do desenvolvimento de parceiros que garantam a compra de sua produção.

iii) quanto ao capital humano - certamente esta característica específica é uma das que mais afetam a qualidade e o rendimento da produção. A viticultura é muito exigente quanto à mão-de-obra e há uma grande dificuldade por parte dos produtores de encontrarem bons meeiros (trabalhadores especializados no plantio e colheita da uva).



iv) quanto à especificidade física – não há muita necessidade de altos investimentos em estrutura física para os produtores, visto que a produção é comercializada diretamente para industriais e distribuidores que serão responsáveis pelo armazenamento e/ou transformação e a venda.

O mercado de uvas de uma forma geral atende principalmente às exigências temporais, relacionado diretamente a perecibilidade da fruta, bem como as características de localização que influenciam, na hora da venda, no valor do produto, este encarecido devido aos custos com transporte especializado (em geral refrigerado para reduzir a degradação do produto até o ponto de comercialização).

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Com vista ao potencial Brasileiro no aspecto agrícola e as vantagens climáticas inerentes ao território brasileiro, o plantio de uva é uma alternativa considerável, visto que diferentes regiões brasileiras vêm produzindo uva com certeza regularidade e estabilidade, diferindo apenas a destinação da produção para diferentes consumos.

Tais diferenças e destinações das produções influenciam no comportamento e nas medidas dos agentes, pois cada um deverá exercer procedimentos diferentes uns dos outros. Desta forma os preços serão influenciados regionalmente, bem como as relações dos agentes industrializadores e distribuidores com os seus fornecedores, no caso, os produtores de uva. A região Sul, com maior histórico e maior consolidação no mercado, já possui tecnologia e métodos de cultivo mais avançados em comparação as regiões Sudeste e Nordeste. Porém vale destacar o crescimento da produção em Pernambuco e Bahia, que passaram a figurar nos últimos quatro anos dentre os principais produtores nacionais de uvas. Assim, conclui-se que, no aspecto produtivo, que estes Estados são os mais viáveis para novas implantações e investimentos para o cultivo da uva.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BARROS, M.H.C. e BODEON, M. **Avaliação do desempenho regional dos principais pólos produtores de uva no Brasil.** Anais do XXXX Congresso brasileiro de Economia e Sociologia Rural (SOBER), 2002.

BATALHA, M.O.; IANNONI, A.P.; SILVA, A.L.; LIMA FILHO, D.O.; SCRAMIM, F.C.L.; SOUZA FILHO, H.M.; NANTES, J.F.D.; PAULILLO, L.F.; SCARPELLI, M.; AZEVEDO, P.F.; MORABITO, R.; SPROESSER, R.L.; MARTINS, R.A.; BIALOSKORSKI NETO, S. **Gestão Agroindustrial: GEPAI: Grupo de estudos e pesquisas agroindustriais / coordenador Mário Otávio Batalha. – 3. ed. – São Paulo. Atlas, 2007.**



COASE, R. H.; **The Nature of the Firm.** *Economica* , Vol. 4, November, pp. 386-405. 1937.

DAVIS, J.H. & GOLDBERG, R.A. **A concept of agribusiness.** Boston, Division of Research / Graduate School of Business Administration / Harvard University, 1957.

EMBRAPA. Acesso em 30.03.2008, disponível em:
http://www.cpafr.embrapa.br/index.php/cpafr/artigos/produ_o_agr_colamundial_o_potencial_do_brasil

EMBRAPA UVA E VINHO. Acesso em 20.02.2008, disponível em:
<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/UvaNiagaraRosadaRegioesTropicais/index.htm>

FAO . Food And Agriculture Organization of the United Nations. The Statistics Division.
<http://www.fao.org/es/ess/toptrade/trade.asp?dir=exp&disp=countrybycomm&resource=560&year=2004> . Março 2008.

GALBRAITH, J.R. **Planejamento estratégico de organização.** In: MINTZBERG, H; QUINN, J.B. O processo da estratégia. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 133-140

GRIGOLETTI Jr., A.; SÔNEGO, O.R. **Principais doenças fúngicas da videira no Brasil.** Bento Gonçalves: EMBRAPA-CNPUV, outubro 1993. 36p. (EMBRAPA-CNPUV. Circular Técnica, 17).

HARKER, F. R. Organic food claims cannot be substantiated through testing of samples intercepted in the marketplace: a horticulturalist's opinion. **Food Quality and Preference**, v.32, n.4, p.147-149, 2003.

IBGE. Acesso em 30.03.2008, disponível em:
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?z=t&o=11&i=P>

MOREIRA, A.N. et al. **Cultivo da Videira.** EMBRAPA Semi-Árido, Sistemas de Produção, 1. ISSN-1087-0027, versão eletrônica, junho/2004.

MORVAN, Y. *Fondaments d'économie industrielle.* Paris: Economica, 1988. p. 247.

ROMBALDI, C.V.; FERRI, V.C.; BERGAMASQUI, M.; LUCHETTA, L.; ZANUZO, M.R. **Produtividade e qualidade de uva, Cv. Bordô (Ives), sob dois sistemas de cultivo.** 2004.

SATO, G.S.; MARTINS, V.A.; BUENO, C.R.F.; ASSUMPÇÃO, R. **Cadeia produtiva da uva de mesa fina no Estado de São Paulo: produção, sazonalidade de preços e**



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



canais de distribuição. XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – SOBER, 2005.

UVIBRA. Acesso em 30.03.2008, disponível em:
http://www.uvibra.com.br/pdf/comercializacao2003a2008_jan_jan.pdf

WILLIAMSON, O. E. *The economic institutions of capitalism firm, markets, relational contracting*. The N.Y. press, 1985.

WILLIAMSON, O.E.; **Strategizing, Economizing, and Economic Organization.** In: RUMELT. R., SCHENDEL, D. e TEECE, D. *Fundamental Issues in Strategy*. Harvard Business School Press, p.369, 1994.

WILLIAMSON, O. E.; *The Mechanisms of Governance*, Oxford, 429 pp., 1996.

ZYLBERSZTAJN, D. **Estruturas de governança e coordenação do Agribusiness: uma aplicação da Nova Economia das Instituições.** Tese de livre docência apresentada no Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1995. 238 p.

ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade e abordagem de sistemas agroindustriais.** Texto preliminar para discussão. PENSA/FEA/USP, 1995.